

BOLSHIV EVOIAVO

UMA ÚNICA COISA DEVE IMPORTAR AO HOMEM: PERMANECER DE PÉ ENTRE AS RUÍNAS.

#06

JAN. - ABR. '09



O Sentido do “Guerrino Meschino”

Também neste número:

A Raça do Homem Fugaz * Entrevista
a Marcos Ghio * O Fascismo * Ser
de Direita * O Islão e a Tradição

EDITORIAL

Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és!

As companhias que ao longo da nossa vida tivemos e teremos, vão de algum modo influenciar o nosso comportamento presente e futuro. Recordemos a nossa meninice e as diabruras que só em grupo éramos capazes de fazer, coisas que sozinhos não faríamos por falta de coragem, motivação ou imaginação e que só no seio do grupo são realizáveis.

Quando adultos os grupos tendem, tanto para o mal como para o bem, a terem, como é óbvio, maior relevância: são conhecidos e estudados casos de massacres cometidos contra populações civis por unidades de soldados, pretensamente disciplinados, sem qualquer ordem superior, possíveis apenas pela motivação assassina que o grupo produziu.

Se queres “asneirar” a sério junta-te aos maus e serás pior do que eles. O inverso diz o povo que também é certo!

Há quem depois de experiências negativas, digamos, *más companhias*, que muitas vezes levaram a situações complicadas – para não usarmos outros termos –, procuram agora uma, como se diz hoje em dia sobre muitos artistas cantores, experiência a solo; fazem a sua travessia do deserto, com maior ou menor êxito. Outros já calejados pela “desgraça” são muito mais cautelosos com as novas amizades, mas como lhes está na massa do sangue o Espírito de Corpo, a Irmandade, não desarmam e procuram o “abrigo perfeito” onde possam servir e ser servidos, onde encontrem gente a quem possam... confiar os filhos. Ou como diz um amigo nosso que passou alguns anos no cárcere: “Alguém que definitivamente não me envergonhe.”

Sim, nós sabemos que não há “abrigos” perfeitos, não há homens perfeitos, não há amizades perfeitas, não há casamentos perfeitos e também não queremos esse adjectivo sobre nós. Contentamo-nos com o diferenciado que busca o aperfeiçoamento.

Como atingir o verdadeiro Espírito de Corpo?

A morte como último tabu a ser superado sempre existiu ao longo da história. O tema da morte e do renascimento sempre fez parte dos rituais de passagem nas civilizações tradicionais. Corpos militares de elite da actualidade (e do passado) por inerência às suas próprias funções guerreiras, têm este tema sempre presente... Contamos sucintamente uma prova que até há bem pouco tempo era praticada num determinado país e por uma determinada unidade: era entregue ao recruta um cachorro para ele cuidar durante os meses de duração das provas. No final dos exercícios o soldado regressava para junto do seu fiel amigo de quatro patas que efusivamente o recebia. Passados meses de duríssimas provas, quando o instruendo pensava ter superado tudo e já dava como seu o cobiçado emblema da Unidade, era defrontado com a derradeira prova: tinha que matar o seu cão, o seu fiel amigo tinha que ser estupidamente abatido por si próprio para que pudesse ser aceite na Irmandade.

Na vida temos por vezes que fazer escolhas, estabelecer prioridades, delinear objectivos e tentar atingi-los. Se a vontade for grande e persistente, sobretudo persistente, poderemos alcançá-los. Se o caminho for feito com a ajuda e a força do amigo, dos camaradas, o percurso poderá até não ser mais fácil, mas será mais completo: partilha, discussão, confronto, dádiva, ânimo, entrega... enfim todos aqueles sentimentos e emoções que só se vivem em comunidade.

Mas por vezes, quando pensamos estar a dar ou já ter dado muito, alguém nos ordena eliminar “o nosso cão” se queremos continuar.

Estaremos nós à altura de tal acto?



ÍNDICE

Editorial	2
O Fascismo	3
O Islão e a Tradição	5
Ser de Direita	7
O sentido do «Guerrino Meschino»	9
Entrevista a Marcos Ghio	11
A Raça do Homem Fugaz	18

FICHA TÉCNICA

Número 6

1º quadrimestre 2009

Publicação quadrimestral

Internet:

www.boletimevoliano.pt.vu
www.legiaovertical.blogspot.com

Contactos:

boletimevoliano@gmail.com
legiaovertical@gmail.com

Crítica

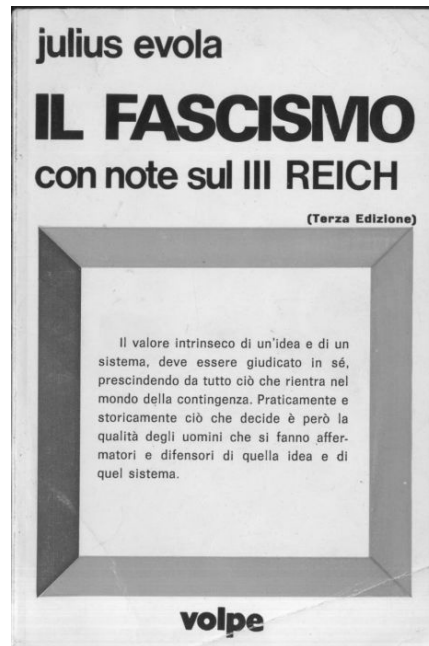
O Fascismo

Adriano Romualdi

Surgiram no pós-guerra, dentro do campo da Direita, inumeráveis evocações do Fascismo e dos seus homens. Trata-se quase sempre de publicações de tipo oleográfico e sentimental, que exaltam o Fascismo como um mito, sem discutir as ideias com seriedade e profundidade. O valor deste novo livro poderia por isso consistir só nisto: ser o primeiro livro italiano, no qual, partindo de posições rigorosamente de direita, se faz uma análise crítica do fenómeno do Fascismo. O livro tem tanto mais valor porque o autor é Evola, ou seja, o único autor da Direita italiana de proporções europeias e do qual recentemente apareceram em França a tradução de *Cavalgar o Tigre* e de *Os Homens e as Ruínas*.

O ponto de vista de Evola, aquele desde o qual traça a sua análise, é o da Direita. Não a direita económica ou a direita sentimental, dos interesses ou das nostalgias, mas sim a pura Direita como princípio político que, com a sua estrutura autoritária, hierárquica e aristocrática inspirou os Estados da civilização europeia tradicional. É com o metro desta Direita que Evola mede o Fascismo, distinguindo o que nele é correcto e o que não é.

É necessário dizer em seguida que a avaliação do conjunto é positiva. Evola atribui ao Fascismo o mérito de ter reafirmado a ideia de Estado numa época em que só se tem em conta a sociedade, o povo, o número; de ter contraposto o puro princípio político às instâncias económico-sociais; de ter exaltado a função das minorias heróicas contra as massas brutas e vociferantes. Nas suas origens o Fascismo encontra-se, todavia, submergido na confu-



Capa da terceira edição italiana

são ideológica. O intervencionismo na I Guerra Mundial, no qual o Fascismo tem a sua origem, representa escórias libertárias, jacobinas, maçónicas. Mas do intervencionismo surgirá a geração da frente com o seu renovado culto à disciplina, à autoridade da honra guerreira. Também a outra fonte originária do Fascismo, o nacionalismo, tinha evidentes taras populistas. Mas também isso será purificado na experiência fascista onde a nação não é sentida como a massa do povo mas, pelo contrário, como qualidade étnica e orgânica. No final desta “depuração” do nacionalismo, Mussolini poderá escrever que “não é a nação que cria o Estado, mas sim o Estado que cria a nação”.

Para além disso, o nacionalismo está completamente superado no mito imperial do Fascismo. Pois, reivindicado o seu direito a guiar não somente povos não europeus (os abissínios), mas também povos europeus (os albaneses, os croatas,

os montenegrinos, os gregos), projecta-se mais além das limitações do nacionalismo oitocentista. A Nova Ordem Europeia, encabeçada pela Itália e a Alemanha, proponha-se ser uma ordem supranacional instituída por nações imperiais. Naqueles anos Evola escrevia: “É necessário ir mais além de um internacionalismo destrutor e de um nacionalismo patriótico, porque a concepção de Império ou de Reich, está mais além de um e do outro, conecta-se com a ideia de uma raça capaz de criar e dirigir uma unidade hierárquica superior na qual as unidades particulares técnica e nacionalmente definidas não sejam dissolvidas nos seus caracteres específicos, mas levadas a participar num mais elevado nível espiritual”. O Fascismo elege como símbolo de sua vocação imperial a imagem de Roma. Era, escreve Evola, “um querer achar uma ponte sobre uma série de séculos, para retomar o contacto com a única herança verdadeiramente válida de toda a história desenrolada em solo italiano”. O mito romano devia ser um modelo de força disciplinada de combativa severidade. Desgraçadamente, por certas inclinações histriónicas da alma italiana, ocorreu amiúde o risco de ficar-se pela retórica. A reivindicação do Estado como forma espiritual que imprime a partir de si a uma matéria humana um estilo militar, a superação do eudemonismo burguês sob o signo do amor ao perigo e ao dever, são as características positivas do Fascismo. Mas a par destas encontram-se outros elementos menos nobres. Assim, pois, encontramos o “ducismo”, no qual o justo respeito por um chefe degenerava em servilismo adulator. Pagar-se-á caro, mais tarde, o 25 de Julho*, quando se verá como a falta de crítica interna e de verdadeira

“A forma económica da autêntica Direita não é o capitalismo, ou seja, uma concepção anárquica e liberal da vida económica que em última instância tem a responsabilidade do nascimento do socialismo. (...) Certos mitómanos do proletariado, chegados por casualidade às fileiras fascistas, por falta de uma sensibilidade ideal, parecem não dar-se conta de que todo o *pathos* social e populista está em aberta contradição com o *ethos* heróico, autoritário e hierárquico do verdadeiro Fascismo.”

liberdade tinham desvirtuado o Fascismo. O Fascismo, afogado na personalidade genial de Mussolini, não conseguiu criar uma elite de hierarcas autenticamente livres e responsáveis, capazes de tomar iniciativas e responsabilidades, inclusivamente quando o chefe tivesse fraquejado.

Também a exaltação nacional que o Fascismo conseguiu criar em torno da figura do Duce, é observada criticamente. A mesma centrava-se mais num homem do que numa ideia, mais no indivíduo, que numa sólida aristocracia política. Assim sucedeu que desaparecido o homem, caído o seu mito, cessou também a carga magnética que mantinha juntas forças diversas e contrapostas.

Escreve Evola a este respeito: “Deve-se ter presente que, por muito intenso que possa ser o magnetismo criado mediante tal via, nem por isso este deixa de ter um carácter efémero (...) a aglomeração que de tal modo se produz é comparável à adesão de várias partículas de metal atraídas por um íman: quando a corrente termina, quando o campo magnético diminui, instantaneamente todas as partículas de metal se separam”. Além disso, o próprio Mussolini, na época da República Social, teve palavras de dura crítica para com os servos e os adutores que tinham criado uma cortina à sua volta, impedindo-o de tomar contacto com a realidade.

Mais à frente Evola enumera as

relações que se estabeleceram entre o Fascismo e a economia. A forma económica da autêntica Direita não é o capitalismo, ou seja, uma concepção anárquica e liberal da vida económica que em última instância tem a responsabilidade do nascimento do socialismo.

Na Europa tradicional existiam sólidas organizações corporativas animadas por um espírito medieval de honra profissional e de fidelidade. O Fascismo tentou fazer reviver uma ordem corporativa. Mas este ordenamento permaneceu abstracto e burocrático, reduzido a um mero estado de arbitragem entre empreendedores e trabalhadores. Melhor foi o que se fez na Alemanha nazi, onde a própria estrutura das empresas foi reorganizada instituindo relações de solidariedade e fidelidade entre empresários (*Betriebsführer*) e o seu “séquito” (*Gefolgschaft*). De qualquer maneira, ainda que com tais limitações, o Fascismo conseguiu fazer reviver o espírito económico da verdadeira Direita, hostil tanto à anarquia económica liberal como ao igualitarismo social-comunista.

Aqui Evola insere uma precisão para certos mitómanos do proletariado, chegados por casualidade às fileiras fascistas e que, por falta de uma sensibilidade ideal, parecem não dar-se conta de que todo o *pathos* social e populista está em aberta contradição com o *ethos* heróico, autoritário e hierárquico do

verdadeiro Fascismo. O Fascismo crê na justiça social entendida como justa superação de todo o arbítrio e anarquia económica sob o signo positivo do Estado. Mas isto é incompatível com o chamado “socialismo nacional”, se com este termo se quer entender um ideal esqualido, insignificante e pequeno burguês. Escreve Evola: “O socialismo é socialismo, e adicionar-lhe o epíteto nacional é um engodo semelhante a um cavalo de Tróia (...) Realizado o socialismo nacional (...) passar-se-á ao socialismo sem epítetos, e assim sucessivamente porque a marcha sobre um plano inclinado não se detém a meio caminho. No seu tempo o Fascismo italiano foi de facto um dos regímenes mais avançados e precursor em medidas sociais. Mas o corporativismo do vinténio, naquilo que ele realmente tem de válido deve interpretar-se essencialmente no marco de uma ideia orgânica anti-marxista, portanto fora de tudo o que legitimamente se pode chamar socialismo. Propriamente e só com este critério o Fascismo poderia ter sido uma terceira força, uma terceira possibilidade europeia oposta tanto ao comunismo como ao capitalismo”.

E com esta citação que certa estranha gente não lerá nunca vezes suficientes, encerramos o exame desta obra. Para Evola, este breve ensaio é um livro de pouco esforço, mas, pela clareza e audácia dos posicionamentos expostos situa-se, como sempre, acima de tudo o que vem sendo escrito sobre este tema no campo da Direita. Ao publicar esta obra, a editora Giovanni Volpe rende um ulterior e valente serviço à causa da cultura de Direita.

Publicado em *Il Secolo d'Italia*, Roma, 7 de Novembro de 1964.

* O 25 de Julho de 1943 foi a data em que o Grande Conselho Fascista, numa “democrática” votação por simples maioria, retirou o voto de confiança a Benito Mussolini, permitindo assim que o rei e o General Badoglio procedessem à sua exoneração e prisão.

Opinião

O Islão e a Tradição

Eduard Alcántara

Face aos processos dissolventes e corrosivos inerentes a este nosso mundo moderno há quem, a partir das posições próprias da Tradição, contemple o actual ressurgir da fé islâmica e o fortalecimento das teses integristas muçulmanas como o rescaldo principal em que ela – a Tradição – sobrevive ou se manifesta. Perante a dessacralização da vida e da existência que assola com cada vez maior virulência o Ocidente, há quem veja a actual eclosão do fundamentalismo maometano como uma revolta integral protagonizada pelos valores sacros e perenes.

Perante isto formulamos a seguinte questão: a religiosidade islâmica é compatível com os parâmetros básicos que conformam o que conhecemos como Tradição ou, pelo contrário, a fé sarracena encontra-se ao nível dos primeiros degraus que, demarcando-se já da dita Tradição, fazem descer o homem pelos caminhos sombrios do mundo moderno?

E a nossa resposta aponta para a segunda opção. E aponta-a porque, no mundo Tradicional, o homem que acumulava no seu interior potencialidades de desapego em relação a tudo aquilo que pudesse condicioná-lo e mediatizá-lo, tinha ao seu alcance a possibilidade de empreender o árduo e metódico caminho do descondicionamento interno que representava o passo prévio para a posterior aquisição do Conhecimento do Transcendente e Incondicionado, graças ao que algumas doutrinas sagradas denominaram como o Des-

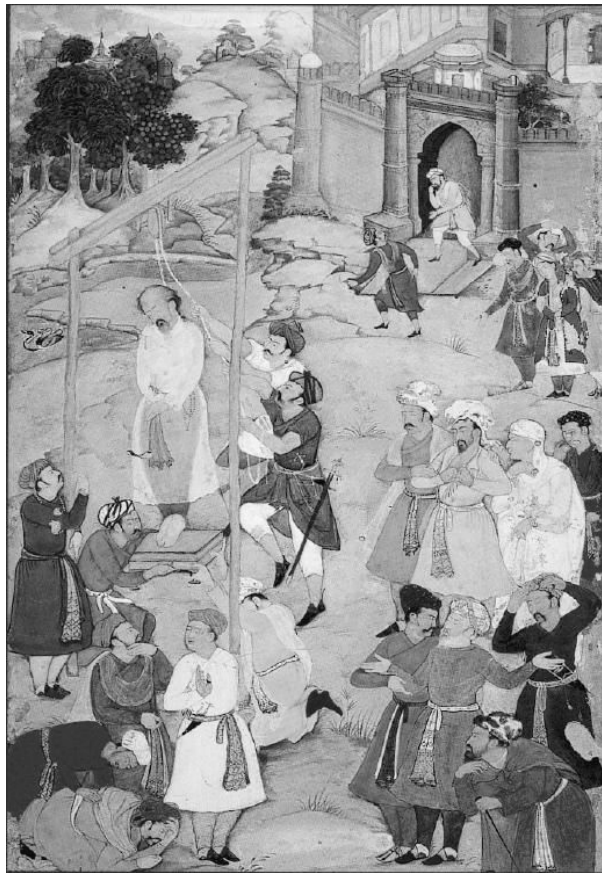
pertar.

E se considerarmos o homem integralmente nas suas três dimensões – corpo, alma ou psique e Espí-

homem com potencialidades Superiores pudesse optar pela sua transformação ontológica interior.

E o que foi que restou a este homem mutilado de Ser, mutilado do Transcendente que habita no seu foro interno, mas já em eterno letargo? Pois restou-lhe apenas o que de mero homem tem, o que o conforma como ser condicionado. Restou-lhe, tão-só, o seu corpo e a sua alma (ou mente). E, em consequência, querendo continuar a sacralizar – agora com minúsculas – a sua vida e a sua existência ou, pelo menos, parte delas, tinha que limitar-se a sentir piedosa devoção pelo divino e a professar fé na divindade. Já não podia mais Conhecer e tornar-se uno com o Transcendente, pois a semente Espiritual que habitava no seu interior, e que partilhava a própria essência com o Transcendente, encontrava-se fatalmente adormecida.

A sua alma ou psique era um conglomerado de natureza humana e perecedoura e não era, pois, uma ferramenta que o pudesse levar ao Sobre-



Execução de Al Hallaj, mestre sufi, por heresia

rito – este Despertar acontecia no plano do Espírito, ou seja, no plano do que é mais que humano. Num plano que, caso o consigamos activar, nos abre a visão e o Conhecimento da Realidade Supra-sensível e Metafísica que nos Transcende e que, por outro lado, é completamente ignorado pelo homem mutilado das nossas petrificadas civilizações.

E esta dimensão do Espírito começou a ser amordaçada pelos primeiros embates do mundo moderno. Começou a ser anestesiada até desaparecer num sono quase perpétuo. Tornou-se impossível que o

humano e ao imperecedouro, mas que apenas lhe podia servir para crer nele. As doutrinas sapienciais, esotéricas e iniciáticas tinham sido, desta maneira, esquecidas e o homem limitou-se a formas de simples devoção, de religiosidade, formas, em definitivo, exotéricas. Limitou-se ao mero cumprimento de normas morais e de ritos vazios, com o simples fim de estar de bem com a divindade e conseguir, assim, uma salvação que se tornava facilmente acessível a todos. Salvação essa de carácter igualitário pois, para conseguí-la, bastava cumprir, como um

“E falamos de uma religiosidade, como a muçulmana, que temos de definir como passiva e devocional e, em consequência, oposta à Espiritualidade que definiu o Mundo Tradicional e que tem de ser classificada como activa, porquanto era o Homem Superior que, consciente e soberanamente, empreendia o difícil e rigoroso caminho de auto-transformação e auto-realização interiores”

bom crente, ditos preceitos morais e ditos rituais, como dizíamos, vazios e carentes de poder – como suporte e símbolo – de transformação interior. Anote-se pois que o Despertar ou Iluminação a que no Mundo Tradicional unicamente podiam ter acesso uns poucos seres Superiores – no que diz respeito à sua qualificação interior –, tinha, pois, um carácter aristocrático (de “aristos”, os melhores), enquanto que a doutrina da salvação, própria de uma religiosidade inerente à descida de nível do mundo moderno, tem conotações igualitárias e, como tal, democráticas, devido a uma promiscuidade (= quantidade) que é produto da facilidade que existe em alcançá-la.

Não há dúvida de que o Islão encaixa totalmente neste tipo de religiosidade descrita como consubstancial ao mundo moderno. Falamos de religiosidade e não de espiritualidade, pois a dimensão do Espírito, como já explicamos, foi sendo dominada, coincidindo com o estertor da Tradição. E falamos de uma religiosidade, como a muçulmana, que temos de definir como passiva e devocional e, em consequência, oposta à Espiritualidade que definiu o Mundo Tradicional e que tem de ser classificada como activa, porquanto era o Homem Superior que, consciente e soberanamente, empreendia o difícil e rigoroso caminho de auto-transformação e auto-realização interiores. Caminho que o ia transformando em senhor de si mesmo e dominador majestático de medos, baixos impulsos, instintos primários, emoções, sentimentos descontrolados e paixões turvadoras. E senhor de si mes-

mo que contrasta com o ideal de submissão predicado pelo Islão, cuja etimologia é precisamente essa: submissão.

Um Islão que representa, portanto, um tipo de religiosidade – por ser passiva e meramente devota – lunar, em contraposição a uma Tradição cuja Espiritualidade sempre foi – pela sua essência – Solar e Olímpica.

Não está correcto aquele que queira fazer do Islão participe de um tipo de Espiritualidade activa, argumentando que no seu seio se desenvolveram correntes de carácter esotérico e, portanto, de genuína transformação interna da pessoa. E não está correcto porque sempre se tratou de correntes que, atrás da cortina de uma aparente obediência muçulmana, eram portadoras de uma cosmovisão e de uns objectivos alheios aos da religiosidade oficial existente nos territórios nos quais tomaram corpo. E tomaram corpo precisamente em zonas de população de origem eminentemente, ou consideravelmente, indo-europeia nas quais uns poucos séculos antes o Islão ainda não havia marcado a sua presença sob a forma de invasão militar e nas quais a fé maometana não havia conseguido ainda varrer alguns dos restos de uma Espiritualidade Superior e Solar que tinham subsistido até ao momento de dita irrupção militar. Referimo-nos à zona ocupada da Península Ibérica – Al-Andalus – e à Pérsia. E como alguns dos seus mais destacados representantes ressaltaríamos o mestre sufi murciano Ibn Arabí (séculos XII e XIII) e ao também sufi persa Al Hallaj (séculos IX e X) que, como dado sig-

nificativo, foi torturado e executado por sair da ortodoxia marcada pela religião muçulmana (ou seja, por transitar pela via Olímpica do Despertar e do Conhecimento do Absoluto). A Pérsia foi igualmente testemunha da aparição de outra ordem de natureza esotérica e iniciática: a dos ismaelitas.

É bem significativo que estas correntes de Espiritualidade Superior não se tenham desenvolvido no seio de etnias de extracção não indo-europeia, pois temos que ter bem presente que povos como os semitas – entre os quais inicialmente o Islão se expandiu maioritariamente – sempre aderiram, e continuam a aderir, a um tipo de religiosidade passiva e lunar; e isto deve-se à sua idiossincrasia particular e às suas nulas potencialidades face às vias iniciáticas de elevação até uma Consciência Superior.

Fique pois bem claro que ante o embrutecimento extremo representado pelo actual Ocidente plutocrático, hedonista, tecnocrático, consumista, deletério e dissoluto, o Islão não representa o Mundo da Tradição, enquadrando-se antes dentro da fisionomia e dos rasgos gerais dos primeiros processos de decadência que aconteceram no devir do que conhecemos como mundo moderno. Primeiros processos de decadência que, como vimos, cercearam a dimensão Transcendente do homem e que fizeram com que a sua psique, alma ou mente ficasse sem o seu Superior referente Espiritual, e que ele se resignasse ao máximo a que podia, agora, aspirar, caso olhasse para o Alto: à simples devoção e à pia e submissa crença.

E tenhamos presente que quando a mente fica sem este referente superior – o Espírito – a sua autonomia resultante e a sua falta de guia e eixo Supremo pode aproximá-la – como tem acontecido, especialmente, no Ocidente – da criação de monstros como são o racionalismo – como absolutização e degradação da razão –, o Iluminismo, o positivismo ou o mais abjecto materialismo próprio desta etapa crepuscular pela que transita o mundo moderno.

Doutrina

Ser de Direita

Julius Evola

Direita e esquerda são designações que se referem a uma sociedade política em crise. Nos regimes tradicionais as mesmas eram inexistentes, pelo menos se entendidas no seu actual significado. Nestes regimes podia existir uma oposição, se bem que não revolucionária, isto é, que pusesse em cheque o sistema, mas sim lealista e de algum modo funcional: assim, em Inglaterra, podia-se falar de uma *His Majesty's most loyal opposition*, ou seja, de uma “lealíssima oposição a sua majestade”. As coisas mudaram logo que apareceram os movimentos subversivos nos tempos mais recentes, e sabe-se que na sua origem a Esquerda e a Direita se definiam com base no lugar ocupado respectivamente no parlamento por parte dos partidos opostos.

Dependendo dos planos, a Direita assume significados diferentes. Existe uma Direita económica de base capitalista não privada de legitimação desde que não prevarique e a sua antítese seja o socialismo e o marxismo.

Quanto a uma Direita política, a mesma em rigor adquire o seu pleno significado se existir uma monarquia num Estado orgânico, tal como sucedeu sobretudo na Europa central, mas também em parte na Inglaterra conservadora.

Mas pode-se também prescindir de pressupostos institucionais e falar de uma Direita nos termos de uma orientação espiritual e de uma concepção do mundo. Então,

ser de Direita significa, além de estar contra a democracia e contra todas as mitologias socialistas, defender os valores da Tradição como valores espirituais, aristocráticos e guerreiros (de outra maneira, também com referência a uma severa tradição militar, como aconteceu, por exemplo,

certeza uma herança de valores superiores a ser tutelados, aptos para servir de fundamento. Também, recuando mais na história italiana, encontram-se apenas esporádicas posturas de Direita; faltou uma força unitária formativa tal como existira noutras nações, desde tempos convertida

“Ser de Direita significa, além de estar contra a democracia e contra todas as mitologias socialistas, defender os valores da Tradição como valores espirituais, aristocráticos e guerreiros (...) Significa, além disso, alimentar um certo desprezo face ao intelectualismo e em relação ao fetichismo burguês do homem culto”

com o prussianismo). Significa, além disso, alimentar um certo desprezo face ao intelectualismo e em relação ao fetichismo burguês do “homem culto” (o expoente de uma antiga família piemontesa teve ocasião de dizer em forma paradoxal: “Eu divido o nosso mundo em duas classes: a nobreza e os que têm um diploma” e Ernest Jünger valorizou o antídoto constituído por um “são analfabetismo”).

Ser de Direita significa também ser conservador, ainda que não num sentido estático. O pressuposto óbvio é que exista algo subsistente digno de ser conservado, o qual sem embargo nos coloca frente a um difícil problema no momento em que nos referimos àquilo que constituiu o passado recente de Itália logo após a sua unificação: a Itália oitocentista não nos deixou com

em firme e sólida por parte de antigas tradições monárquicas de uma elite aristocrática.

De qualquer modo, ao afirmar que uma Direita não deve ser caracterizada por um conservadorismo estático quer-se dizer que devem, isso sim, existir certos valores ou certas ideias-base operando como um firme terreno, e que aos mesmos se devem dar diferentes expressões, adequadas ao desenvolvimento dos tempos, para não se ser ultrapassado, para retomar, controlar e incorporar tudo aquilo que se vai manifestando à medida que as situações variam. Este é o único sentido no qual um homem de Direita pode conceber o “progresso”; não se trata de simples movimento para a frente, como demasiadas vezes se pensa, sobretudo entre as esquerdas; de uma “fuga para a frente” pôde falar a este respei-

to com razão Bernanos (“où fuyez-vous en avant, imbécils?”). O “progressismo” é uma quimera estranha a toda a posição de Direita. Também o é porque numa consideração geral do curso da história, com referência aos valores espirituais, não aos materiais, às conquistas técnicas, etc., o homem de Direita é levado a reconhecer uma descida, não um progresso e uma verdadeira subida. Os desenvolvimentos da sociedade actual não podem senão confirmar esta convicção.

As posturas de uma Direita são necessariamente anti-societárias, anti-plebeias e aristocráticas; de tal modo que a contraparte de tudo isto será a afirmação do ideal de um Estado bem estruturado, orgânico, hierárquico, regido por um princípio de autoridade. A este último respeito deparamo-nos, no entanto, com dificuldades em definir qual a base de fundamentação de tal princípio. É óbvio que o mesmo não pode vir de baixo, do *demos*, o qual, apesar do que manifestam os *mazzinianos* de ontem e de hoje, não expressa a *vox Dei*, mas o seu exacto contrário. E devem excluir-se também as soluções ditatoriais e “bonapartistas”, as quais podem valer tão só transitoriamente, em situações de emergência e em termos contingentes e conjunturais.

Vemo-nos novamente obrigados a referir-mo-nos a uma continuidade dinástica, sempre e quando, considerando um regime monárquico, se tenha ao menos em vista o que foi denominado como o “constitucionalismo autoritário”, ou seja, um poder não puramente representativo, mas

“ Para o homem de Direita são os princípios o que sempre constitui a base da sua acção, a terra firme ante a mutação e a contingência (...) Se se quiser, podemos-nos referir à fórmula, tão-só em aparência paradoxal, de uma *revolução conservadora*. ”

também activo e regulador, sobre o plano daquele “decisionismo” do qual já falaram De Maistre e Donoso Cortés, com referência a decisões que constituem a extrema instância, com todas as responsabilidades que se lhe vinculam e que são assumidas em pessoa, quando nos encontramos ante a necessidade de uma intervenção directa porque a ordem existente entrou em crise ou novas forças surgem sobre a cena política. No entanto, repeti-

mos que a recusa nestes termos de um “conservadorismo estático” não se refere ao plano dos princípios. Para o homem de Direita são os princípios o que sempre constitui a base da sua acção, a terra firme ante a mutação e a contingência, e aqui a “contra-revolução” deve valer como uma consigna muito precisa. Se se quiser, podemos-nos referir à fórmula, tão-só em aparência paradoxal, de uma “revolução conservadora”. A mesma concerne a todas as iniciativas que se impõem para a remoção de situações negativas fácticas, necessárias para uma restauração, para uma assumpção adequada daquilo que possui um valor intrínseco e que não pode ser objecto de discussão. Com efeito, em condições de crise e de subversão, pode dizer-se que nada tem um carácter tão revolucionário como a sustentação de tais valores. Um antigo dito é *usu vetera novant*, ou seja, os antigos costumes renovam, e isso põe em evidência o mesmo contexto: a renovação que pode ser realizada pela assumpção do “antigo”, diga-se da herança imutável e tradicional.

Com isto cremos que as posições próprias do homem de Direita ficam esclarecidas de forma suficiente.

Todos os número anteriores do Boletim Evoliano encontram-se disponíveis *on-line* gratuitamente em www.boletimevoliano.pt.vu. Os interessados em obter cópias em formato papel devem contactar a Legião Vertical através do seguinte endereço de correio electrónico: legiaovertical@gmail.com.

Símbolos e Mitos da Tradição

O sentido do «Guerrino Meschino»

Julius Evola

O que chegou até nós sob a forma de «folclore», isto é, as tradições populares originárias na lenda ou na fábula, poderia comparar-se aos agregados minerais que, no conjunto da sua ganga inutilizável, contêm ricos filões. Este material não é menos precioso no plano estético e literário e ainda mais no plano espiritual, dado que se trata da forma involutiva, quase inconsciente, em que sobreviveram os sentidos transcendententes, base de certos ciclos de civilização.

O folclore medieval (ou de origem medieval) é, a este propósito, dos mais interessantes. Numa das nossas obras, *O Mistério do Graal e a Ideia Imperial Gibelina*, tivemos já oportunidade de individualizar o que ocultam em diversas tradições ou canções de gesta da Idade Média figuras como o Rei Artur, o Prestes João, Parsifal, Ogier, Frederico, etc. Aqui, propomo-nos estudar brevemente um ciclo análogo que conheceu, também em Itália, uma vasta audiência popular (antes que a literatura policial e porno-filmada tomasse a dianteira), embora não seja comparável à dos nossos clássicos ou à *Divina Comédia*. Pretendemos falar das narrações em que o herói é «Il Guerrin Meschino»* (o pobre Guerrino), hoje encarados como apropriados para divertir as crianças e cuja escrita é tida como descuidada.

Na verdade, esta narrativa pode figurar de forma legítima entre aquelas em que a vocação obscura – poder-se-á mesmo dizer o «mistério» do Ocidental da Idade Média – procura expressar-se de forma figurativa. O «Guerrino» não é um tipo de cavaleiro

inventado, é um símbolo. Simboliza a alma medieval no seu esforço para se conhecer a si mesma. Para compreender o sentido oculto dos contos fantásticos ou pueris deste ciclo é necessário conhecer o sentido dos ciclos aparentados e em que ele interfere amiúde. O que é importante, aqui, é que estes temas fundamentais reportam-se a longínquas tradições, a um mundo e a uma espiritualidade anteriores ao cristianismo.

O Guerrino é representado como um indivíduo que ignora tudo das suas origens «nobres», que conquista a sua nobreza enquanto ser, combatendo e mostrando-se o cavaleiro mais valoroso e que, devorado por um desejo irresistível de conhecer a sua origem (em sentido figurado, de conhecer e encontrar os próprios pais), é levado a realizar uma série de façanhas e de viagens alegóricas. Podemos mesmo ver aqui um elemento racial além do elemento tradicional. O nome italiano de Guerrino corresponde ao de Guérin ou Garin em Francês, tipo de cavaleiro simbólico que interfere com o cavaleiro de nome Hélias, Hélios, Loengarin ou Lohengrin, em suma: o «cavaleiro do cisne». Trata-se, aqui, do cavaleiro que chega de uma terra misteriosa, por vezes a do rei Artur ou do Graal, por vezes a de Vénus, ou até mesmo a do Paraíso. No nosso livro acima cita-



do, demonstrámos que esta terra nada mais é que a «terra dos Hiperbóreos», região do extremo norte consagrada a Apolo, deus solar da raça dórico-ariana; terra que deve ser considerada como o centro e lugar de origem das diversas raças brancas que rumaram sucessivamente a sul devido à glaciação.

Podemos muito justamente considerar o «Guerrino» que assim se apresenta: «Sou deste mundo, não sei de onde venho nem para onde vou», como uma espécie de Cavaleiro do Cisne, de Lohengrin, tendo perdido a recordação das suas origens –

“A via do regresso às origens, ao menos para a raça dos conquistadores ocidentais, que ressuscita sob o signo do Sacro-Império Romano-Germânico, não é aquela que – segundo as absurdas teorias «evolucionistas» – conduziria a condições animais de existência, mas aquela que a pouco e pouco conduz da terra ao céu e por consequência – em termos dantescos – da *vida activa* à *vida contemplativa*.”

sob este símbolo, é sempre o homem da civilização nórdico-romana medieval que vai à procura do fio perdido da sua mais alta tradição e da sua obscura herança. Não se trata, aqui, de esboçar as diversas viagens simbólicas de Guerrino, a não ser pela sua significação essencial. Antes de mais, Guerrino rumo a Oriente. Foi-lhe dito que o Prestes João poderá esclarecer-lhe as suas origens. Ora, o lendário reino do Prestes João não é, por sua vez, senão uma das figurações em que se incarna, na imaginação popular medieval, a lembrança da «terra sagrada» primordial e, sobretudo, da suprema função real e sacerdotal, natural e sobrenatural ao mesmo tempo, que exerceu a tradição hiperbórea que lhe corresponde. Nas representações medievais este centro fica localizada em diversos lugares, mas de preferência para oriente. Nas narrações de Guerrino ele encontra-se «no fim da terra, para os lados do Levante». É descrito como estando situado «sobre uma montanha cujo cume parece alcançar o céu», símbolo da sua função de ligação, de uma certa forma, do elemento terrestre humano e do sobrehumano. Mas o facto mais importante é que a montanha do seu reino seja um lugar do culto e do oráculo de Apolo, portanto de um deus não cristão mas ariano-helénico, vindo da região hiperbórea, embora o Prestes João, rei desta terra «da verdade e do bem estar», seja descrito, por reverência à religião dominante, como um rei e um padre cristão.

Nas diferentes tradições lendárias, o motivo dos conquistadores, que levaram a cabo uma viagem análoga à do Guerrino na terra do Prestes João** ou em outros lugares análogos, reaparece sempre. Todos

estes lugares estão marcados pelas mesmas árvores «solares», típicas do oráculo apoliano, recebendo assim a consagração sobrenatural do poder que daí resulta e – seríamos mesmo tentados a dizer – para retomar o contacto com a origem, obscuramente pressentida, da sua grandeza. Encontra-se este motivo nas narrações do Guerrino que, durante um certo período, vai assumir o poder do Prestes João no seu aspecto especificamente guerreiro, dado que se torna o seu general, reverenciado por todos, de acordo com o desejo do Prestes João como se fosse ele próprio. Mas a procura das suas origens no reino do Prestes João não é concluída. Guerrino apenas consegue saber que a sua linhagem é real. Para poder realmente conhecer os seus pais ele deve deslocar-se para Ocidente e para o Norte, após ter passado por diversas provas, sobretudo a da sua estada no reino da fada Alcina. No fundo, Alcina personifica o princípio genérico das seduções e das renúncias anti-viris, das sugestões venusianas e ginecocráticas, que constituíram um tema central das civilizações pré-arianas do Sul. Além disso, o facto de Guerrino ser enviado a Ocidente compensa, por assim dizer, a deformação da imaginação popular e das circunstâncias contingentes da localização a Oriente de um centro que, na realidade, é a imagem do centro efectivamente nórdico-ocidental, lar das origens da linhagem dos conquistadores arianos primordiais.

É assim que, numa das versões desta narrativa, na Irlanda, no «Poço de São Patrício», Guerrino obtém finalmente uma informação definitiva sobre as suas origens. Mais uma vez se assiste a uma assimilação cristã que oculta um significado bas-

tante mais profundo, dado que a Irlanda pré-histórica contém efectivamente dos testemunhos mais característicos da tradição pré-histórica nórdico-ocidental. De qualquer forma, é no Ocidente que se cumpre a odisseia de Guerrino que, no final, encontra os seus progenitores. Contudo, ele decide renunciar à dignidade real e às grandezas deste mundo para se consagrar à vida ascética. Os seus adversários chamavam-lhe «Filho dos Deuses»; «Raça dos deuses» era o nome dado, nas antigas tradições irlandesas, à raça dos Tuathade-Danann, raça lendária vinda de Avalon para a Irlanda, sendo que Avalon não é mais que um dos nomes que designam o mesmo centro primordial nórdico-atlântico. Os símbolos falam claramente a respeito do sentido último desta aventura. A via do regresso às origens, ao menos para a raça dos conquistadores ocidentais, que ressuscita sob o signo do Sacro-Império Romano-Germânico (as aventuras de Guerrino aparentemente desenrolam-se ao tempo de Carlos Magno), não é aquela que – segundo as absurdas teorias «evolucionistas» – conduziria a condições animais de existência, mas aquela que a pouco e pouco conduz da terra ao céu e por consequência – em termos dantescos – da *vida activa* à *vida contemplativa*. Não como evasão mas como realização final, após toda a sorte de provas heróicas, termina assim, sob o signo do ascetismo, a odisseia de Guerrino. Esta «canção de gesta» tão popular, delicia da juventude das gerações anteriores, resume, segundo uma lógica perfeita, as etapas fundamentais de um itinerário espiritual completo, válida enquanto vocação de um simples indivíduo tanto como tradição de toda uma raça.

Publicado em *II Regime Fascista*, 24 de Dezembro de 1939.

* O autor deste romance de cavalaria, publicado postumamente em 1473, é o trovador toscano Andréa da Barberino (ca. 1370- ca.1433). A publicação mais recente da obra, uma edição crítica a cargo de Mauro Cursietti, é da editora Antenore, Roma-Padova, 2005. (N. do T.)

** O exemplo do nosso Pêro da Covilhã é paradigmático, embora a sua gesta se prenda com a necessidade, entrevista genialmente por D. João II, de encontrar um aliado cristão em região de forte predominância (e expansão) islâmica. Ver Conde de Ficalho, *As Viagens de Pêro da Covilhã*, recentemente (2008) reeditada pela editora Fronteira do Caos (N. do T.).

Entrevista

“A Política é uma espécie de Metafísica prática”

Entrevista concedida por Marcos Ghio, director do Centro de Estudos Evolianos da Argentina, à revista alemã *Junges Forum*

O senhor traduziu grande parte dos livros de Evola para o espanhol, o que é um esforço bastante grande e mostra a sua dedicação ao pensamento evoliano e à Tradição. Em que ano encontrou pela primeira vez este pensador e que parte do seu pensamento provocou o seu interesse especial?

Tal como explicamos no nosso opúsculo *El Rito y la Guerra*, o nosso primeiro contacto com a obra de Evola foi em 1982, durante a guerra das Malvinas, quando um grupo nacionalista local publicou em castelhano uma conferência dada por Evola na Alemanha, intitulada *A Doutrina Ariana de Luta e Vitória*. De tal autor interessei-me essencialmente o vínculo que era capaz de efectuar entre a metafísica e a realidade política quotidiana, coisa que não sucedia com outro autor tradicionalista do meu conhecimento, René Guénon.

A primeira obra publicada por si foi, segundo as minhas informações, *A Doutrina Ariana de Luta e Vitória*. Este livro foi publicado na Argentina no ano de 1982, no mesmo ano em que ocorreu a guerra das Malvinas. A publicação foi feita nesse ano por coinci-

dência ou por intenção?

Tal como lhe expliquei na minha anterior resposta, esse folheto não foi traduzido por mim. A minha primeira tradução foi em 1994, da obra *Revolta contra o Mundo Moderno*, o que só foi possível quando consegui que me enviassem os livros de Evola desde Itália, já que na sua maioria, os principais especialmente, não estavam traduzidos na nossa língua.

O senhor publicou à volta de trinta livros de e sobre Evola (quantos livros publicou exactamente?). Quais considera serem as mais importantes obras de Evola? Por outras palavras: em que livros lhe parece que o pensamento de Evola é mais profundo, é mais exacto? Onde lhe parece a interpretação tradicionalista mais clara?

Já perdemos a conta a todas as obras que traduzimos de tal autor – digamos uma trintena. Indubitavelmente a mais importante de todas é *Revolta contra o Mundo Moderno*, mas também o são *Os Homens e as Ruínas*, *Cavalegar o Tigre*, *Imperialismo Pagão*, *A Raça do Espírito...* A primeira delas sistematiza a totalidade do

pensamento evoliano, já as outras analisam problemas particulares.

Defensores da Tradição e gente de fora falam várias vezes de um lado “espiritual” e de um lado “político” da Tradição. Esta distinção parece-lhe oportuna e razoável?

De maneira nenhuma, a menos que entendamos a política, tal como se faz actualmente, como um mero negócio para progredir socialmente. Mas tão-pouco devemos entender o espiritual como uma terapia, tal como sucede nos nossos dias. De um ponto de vista tradicional, a Política é uma espécie de Metafísica prática.

Normalmente associa-se René Guénon à tradição “espiritual” e Evola à tradição “política”. Qual é o seu interesse pessoal no pensamento de Guénon? Parece-me que o senhor prefere Evola. Se sim, porquê?

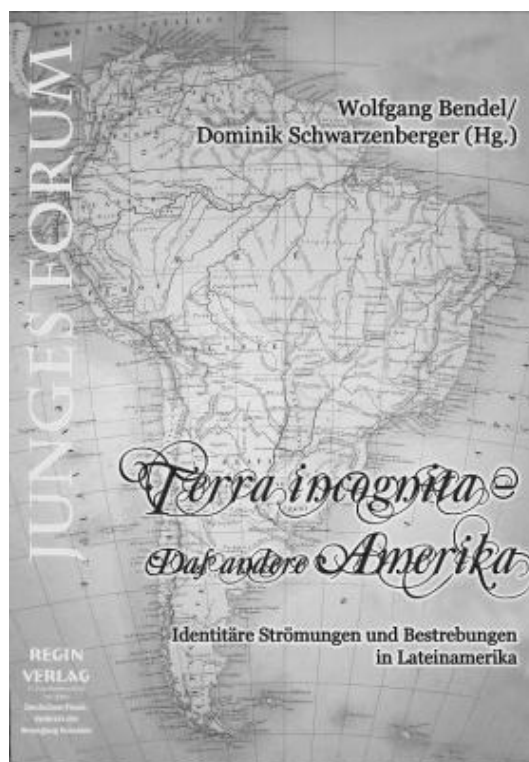
Na realidade, desde distintos sectores, tanto modernistas como tradicionalistas, tem-se tentado em vão contrapor estes autores. Os escolásticos guénonianos, já em vida criticados por Evola, pretendem pintar-nos dito autor

como um simples político que, devido a tal tendência, teria accedido secundariamente aos problemas espirituais. Em curiosa coincidência com tais sectores, desde uma posição aparentemente oposta, certos evolianos, os quais classificamos como evolíticos na nossa obra *En la Era del Paria*, coincidiram em pintá-lo como um autor moderno e anti-metafísico. A realidade é o oposto ao expressado por tais vertentes. Evola e Guénon não são autores contrapostos, mas simplesmente equações existenciais distintas para expressar uma mesma problemática nos tempos actuais. Por outro lado, um maior aprofundamento da obra de Guénon faz-nos ver que não é exacto que o mesmo fosse alheio à problemática política, compreendida esta no sentido superior antes mencionado. A colaboração do francês com Evola na revista dirigida por este durante a época do Fascismo (*Diorama Filosófico*), cujos artigos publicamos há algum tempo na obra intitulada *Precisiones necesarias*, assim o atesta.

Na Europa, Evola e outros tradicionalistas estão cada vez mais associados às ideias “euro-asiáticas”. O protagonista deste movimento é o russo Alexander Dugin, mas também os italianos Carlo Terraciano (falecido) e Claudio Mutti. Segundo as minhas informações o senhor não suporta a linha/ideia nacional-bolchevista ou nacional-revolucionária deles e chama-lhe “infra-fascismo”. Que quer dizer

com isto e porque critica a Ideologia nacional-bolchevista?

Trata-se de um erro garrafal querer incluir Evola dentro de um determinado contexto cultural, racial ou inclusive religioso. O próprio Evola encarregou-se de repudiando o pretendo “nacionalismo europeu” em obras essenciais



tais como *Os Homens e as Ruínas*. O mesmo poderia dizer-se em relação ao seu conceito de ariano que não tem nada que ver com o que se difundiu com o nazismo através de figuras como Rosenberg, ou de paganismo ao qual também se quis associá-lo, mal interpretando as suas doutrinas. A Tradição em Evola é um conceito supra-histórico, supra-racial (em sentido biológico) e supra-religioso, pois coincide com o princípio da unidade transcendente das grandes religiões. Em relação à linha nacional-

comunista de Dugin, não somente não a “suporto” (o mais indicado aqui seria dizer que não a partilho), como o próprio Evola tão pouco a suportou, e em devida altura criticou posições similares, como aquelas que no seu tempo quiseram reivindicar dentro dos mesmos parâmetros a figura de Mao Tse-Tung. O positivo em Dugin é que ele é consciente das diferenças que tem com Evola e encarregou-se de criticá-lo. O pior sucede com aqueles que pretendem incluir Evola nalgum tipo destes desvios no que respeita à sua própria doutrina.

O senhor não associa Evola à noção de “infra-fascismo”, mas quando se refere a Evola fala de “supra-fascismo”. Que quer dizer com isto?

O Fascismo foi um movimento que foi evoluindo com o tempo, desde posições modernas e socialistas até posturas tradicionais e hierárquicas se bem que nunca conseguiu chegar àquilo que deveria ser a superação total do seu passado. De ter considerado o Estado como expressão da vontade das massas, Mussolini com os anos acabou por concebê-lo como um elemento superior e formativo da Nação. No entanto, contradisse-se na prática quando constituiu o Conselho Supremo no qual não foi coerente com tal princípio até ao fim, tanto que os seus membros votavam em igualdade de condições com o chefe de Estado (o Duce), o que teve como resultado ser afastado por uma eleição democrática efectuada pelos seus colaboradores e

logo aprisionado. A seguir à sua libertação pelos alemães teve uma regressão no seu pensamento, constituindo uma república com postulados socialistas pertencentes à sua primeira época de formação. É isto que, seguindo Evola, qualificamos como “infra-fascismo”, que é o movimento de regresso descendente e contrário ao que o nosso autor concebia. No entanto, como os fenómenos históricos por vezes são escritos por linhas tortas, aconteceu que, simultaneamente com esta regressão programática, na República Social Italiana desenvolveu-se uma experiência inédita de espírito legionário pela qual, havendo consciência de que a guerra já estava perdida, se considerava prioritário a honra e a dignidade ante os meros interesses materiais. Isto foi o que nosso autor reivindicou de dito período como superior inclusivamente ao anterior do Vinténio.

O senhor escreveu um livro intitulado “Argentina e el Grial” (1999). Por falta de uma percepção significativa de obras em espanhol na Europa sabe-se muito pouco sobre esta obra. Pode resumir brevemente o conteúdo deste livro?

Na realidade não se trata de um livro, mas de um opúsculo que originariamente se publicou em italiano numa revista tradicionalista de tal país. Intentei ali superar o conceito moderno de nacionalismo pelo qual se considerava a nação como uma verdade absoluta independentemente de princípios. Ative-me nessa altura a certas investigações arqueológicas que assim o teriam corrobora-

“O imperialismo é a deformação do Império. Este último baseia-se no carisma e no princípio transcendente que representa, o imperialismo pelo contrário assenta no monopólio da força. No primeiro são a fé e a fidelidade que vinculam o governado ao governante, no segundo é o medo e a resignação.”

rado. Lamentavelmente esses indícios não foram confirmados por posteriores descobrimentos, pelo que tal texto carece de um valor documental estrito e apenas resgatámos do mesmo a intenção de ser coerente até ao fim com a máxima evoliana de que “a nossa pátria é a ideia” e não o espaço geográfico.

O senhor apresentou o conceito de um império latino-americano com todos os países deste subcontinente incluídos. Pode explicar esta ideia um pouco e dizer-nos como este império seria organizado no sentido tradicional?

Limitei-me simplesmente a considerar que a ideia de Império, ou seja, o carácter sagrado e transcendente do poder político, diferentemente dos chefes de Estado modernos que são a mera manifestação da vontade imanente do povo, tem antecedentes claros na América, tanto no Centro como no Sul (o termo América Latina não me agrada). Antes da chegada dos espanhóis ao nosso continente existiram impérios, tais como o dos Incas, dos Aztecas, dos Maias que não conheceram jamais o princípio igualitário e democrático dos nossos dias. Se a isso associarmos a época em

que América fez parte do Império “no qual o Sol nunca se põe”, a conclusão é que enquanto que neste continente tal instituição é milenária, a democracia pelo contrário não tem nem sequer 200 anos.

O conceito de império sugere a noção de “imperialismo”. O seu conceito de imperialismo vai contra o uso corrente da palavra no Ocidente. Quais são as diferenças?

Passa-se o mesmo com o conceito de autoridade. O imperialismo é a deformação do Império. Este último baseia-se no carisma e no princípio transcendente que representa, o imperialismo pelo contrário assenta no monopólio da força. No primeiro são a fé e a fidelidade que vinculam o governado ao governante, no segundo é o medo e a resignação. Por isso é que os impérios tradicionais foram muito duradouros, na medida em que se baseavam num princípio espiritual, enquanto que os imperialismos modernos só podem durar enquanto a força material que os sustenta existir e é por isso que são efémeros, tal como sucedeu com o imperialismo soviético e como sucederá seguramente a curto



Marcos Ghio (à esquerda)
entrevistado na rádio argentina

prazo com o norte-americano.

Ficamo-nos na América Latina, a sua pátria eleita. Montanhas e cordilheiras sempre atraíram um interesse especial no pensamento tradicional. René Guénon escreveu um livro sobre o mito Agartha-Shamballah (*O Rei do Mundo*), Julius Evola era alpinista e falava em muitos artigos sobre as montanhas. A sua urna foi sepultada com as suas cinzas numa montanha. Mircea A. Tamas escreveu um livro sobre a tradição e os Cárpatos (uma cordilheira na Roménia). Até o escritor esotérico chileno Miguel Serrano, sem ser um autor tradicional, mas influenciado por Evola e Guénon, “descobriu” nos Andes um chamado “axis mundi” e um

lugar com a mesma energia espiritual que os Himalaias. Na Argentina existe o Aconcagua, a montanha mais alta dos Andes na fronteira com o Chile. Que importância têm para si os Andes? São centros espirituais todas as montanhas ou apenas certos montes? Na bíblia existem montanhas importantes também...

Sim, realmente a montanha tem um significado místico em todas as grandes tradições e por cá temos cumes muito elevados. Mas nem Evola nem Guénon chegaram a conhecê-las.

O senhor traduziu o livro *El ghibellino católico* (1998), da autoria de Attilio Mordini, o evoliano católico mais importante traduzido para

espanhol. Qual foi o interesse deste livro para si? Quais são as noções centrais deste livro? (Este livro não existe em alemão e é totalmente desconhecido na Alemanha.)

Na realidade Mordini não foi evoliano, mas simplesmente católico. O seu valor consiste no gibelinismo, ou seja, um catolicismo de que nos consideramos parte integrante, não submetido à vontade do Papa de turno, que não confunda a fé com uma venda para os olhos, nem a autoridade com a submissão obtusa ou a obediência cadavérica. Reivindicados o carácter divino do homem e não consideramos que a um nível transcendente as religiões tenham que contrapor-se entre si.

Resgatamos a ideia de que são linguagens distintas, de acordo com a raça e a história, para vincular-se com um mesmo Deus. O catolicismo é a nossa religião histórica, por tal razão o reivindicamos, mas não nos sentimos na necessidade de converter quem tem outra forma de perceber o divino. Melhor, consideramos que as grandes religiões devem unir-se contra um mesmo inimigo que é a modernidade e o secularismo.

O senhor tem tendência para o integralismo católico? Verdade?

Creio que o adequado seria dizer gibelino católico pois em tal postura pomos o acento na doutrina e não na mera obediência ao Papa de turno, tal como fazem a maioria dos integristas.

Em 21/01/2009 o Papa Bento revogou a excomunhão dos quatro bispos que foram consagrados pelo arcebispo Lefebvre em 1988. Lefebvre declarou as decisões do último Concílio como erros e acusou-as de irem contra a tradição católica. Entretanto algumas decisões deste Concílio foram anuladas ou reduzidas. A Igreja Católica está num caminho de renovação das suas tradições? Ou parece-lhe que tudo isto são apenas “jogadas” políticas do Papa para preservar a unidade da Igreja Católica?

O lefevrismo é uma contradição permanente que tem vivido oscilando sempre entre a sua discrepância com os Papas pós-conciliares e sua adesão irrestrita à doutrina de Trento relativa à obediência face a tal figura. O paradoxo lefevrino é se obede-

“ Evola não considera a saída deste mundo em ruínas como uma fatalidade. Pelo contrário, terá muito que ver com uma acção rectificadora, isto é, a nossa rebelião contra ele, pois “o rio da história segue o leito que ele próprio cria”.

cer ao Papa herege é uma hereisia ou se a heresia não é, pelo contrário, desobedecer-lhe na medida em que a infalibilidade resulta de um acto de fé. É esta oscilação que tem determinado todos os grandes movimentos e rupturas ocorridas em tal sector. Agora que os “perdoam” voltam a correr para o redil e até acabam por aceitar a validade do Vaticano II, desde que lhes permitam continuar com as suas missas em latim, o que demonstra as limitações insalváveis de tal movimento. Partilho a sua ideia de que o perdão é uma jogada do Vaticano, a meu entender mais pastoral do que política. A realidade é que hoje em dia na Europa as Igrejas estão vazias e o Vaticano não pode dar-se ao luxo de deixar ninguém de fora.

Na Europa nos últimos tempos a Igreja Ortodoxa tem tido um certo crescimento. Alguns evolianos e guenonianos conhecidos converteram-se à ortodoxia. Ouve-se muitas vezes a crítica de que nem Evola nem Guénon tomaram o cristianismo ortodoxo a sério e que nem sequer o perceberam. Qual é a sua opinião?

Na realidade não conheço evolianos ou guenonianos que se tenham convertido ao cristianismo ortodoxo. É possível que os haja. Mas eu diria que na media-

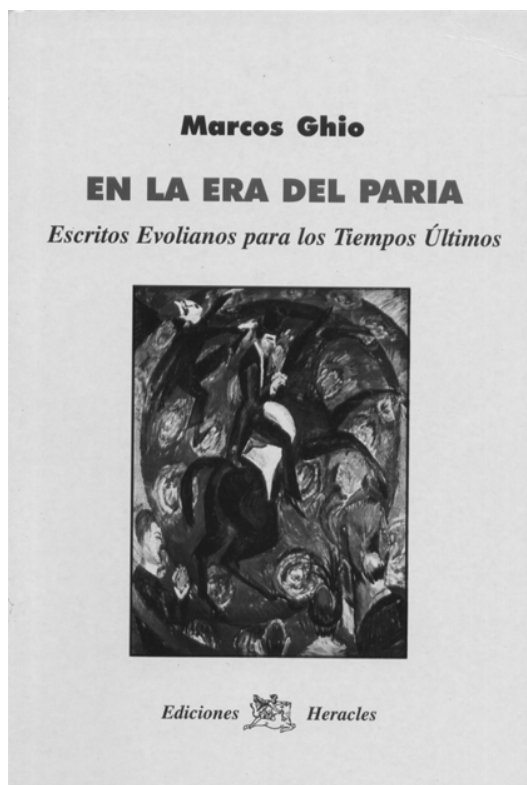
da em que sustentamos a unidade transcendente das grandes religiões não há que converter-se a nenhuma nova, mas tratar de aprofundar a sua. Se vivemos esotericamente o feito religioso devemos recordar que o rito é um vínculo indelével e o baptismo que recebemos pertence a tal ordem. Pelo que nem um católico deve deixar de sê-lo, nem tampouco o integrante de qualquer outra religião, devendo, isso sim, tratar de aprofundar a sua.

Um escritor católico é o colombiano Nicolás Gómez Dávila. A sua obra é mais conhecida na Alemanha do que em muitos outros países. Ainda que não seja um representante da integração tradicional, é considerado como um pensador católico muito importante e sobretudo subtil. Conhece as obras de Dávila e são do seu agrado?

Sinceramente, nunca li nada de tal autor. É uma das muitas coisas que ignoro.

Há pouco tempo o senhor esteve algumas semanas na Europa para encontrar-se com vários evolianos. Esteve em congresso ou em reuniões? Ocorreram encontros interessantes que possam ter como consequência colaborações?

Lamentavelmente não há evolianos na Europa, ou pelo menos se os há não me foi possível ainda conhecê-los. Estive na Áustria com Thomas Hakl, tradutor de Evola para a sua língua, mas confessou-me não ser evoliano. Vários dos que dão valor a Evola e até alguns que o conheceram em vida tomam deste alguns conceitos parciais. O que dissemos antes sobre o nacionalismo europeu ou certo paganismo é um exemplo cabal do que digo. Há inclusive alguns que se preocupam sobretudo em fazer com que Evola seja reconhecido como um pensador pelo sistema. Isto seria justamente contrapor-se ao essencial do seu espírito, que consiste numa verdadeira revolta contra o mundo moderno. Justamente no nosso labor de tradução discordamos dos espanhóis que traduziram literalmente *Rivolta* por *Revuelta*. Na nossa língua uma revolta é uma coisa muito leve que não expressa o espírito de Evola de **rebelar-se para destruir o mundo moderno**. Evola não considera a saída deste mundo em ruínas como uma fatalidade. Pelo contrário, terá muito que ver com uma acção rectificadora, isto é, a nossa rebelião contra ele, pois “o rio da história segue o leito que ele próprio cria”. Os espanhóis que tiveram acesso antes de nós à obra de Evola (recordo que eu só tomei contacto com ela em 1985 quando rondava os 40 anos), de tal vital livro só traduziram o título e isto não foi uma casualidade. O Evola que eles quiseram mostrar era um simples revoltoso e não



um metafísico que contrasta radicalmente com este mundo puramente físico e material. De qualquer modo, quero fazer uma excepção a esta regra de lamentável carência evoliana no vosso continente. Em Barcelona existe um autêntico evoliano que é o amigo Eduard Alcántara que colabora assiduamente connosco na publicação *El Fortín*.

Que impressão da Europa levou para Argentina?

A Europa é para nós o que a América do Norte era para Tocqueville. É o lugar onde as coisas sucedem primeiro. Os senhores tiveram antes de nós o Mercado Único, nós várias décadas mais tarde tivemos o Mercosur e projectamos a União Sul-Americana, que é uma cópia da União Europeia a que vocês já chegaram. Recordo que quando há 25 anos atrás se instaurou a democracia como

forma de vida, um político europeu recordou-nos que eles a tinham desde há 40 anos antes. Visitando a Europa percebo vários males dos quais nós ainda estamos a salvo, não sei ainda por quanto tempo. Cá ainda não fomos mordidos como vós pela tarântula. Não existe ainda esta febre consumista. Ainda há rebeliões contra o Estado administrador e onipotente. Pode-se viajar num automóvel antigo sem se ser mal visto. Ainda há gente que compra coisas usadas e não as deita fora. Ser pobre não é ainda um sinal condenável. Se isto significará também que a Argentina pode ser um espaço de restauração tradicional não o posso ainda dizer. O positivo talvez seja o facto daqui se terem traduzido mais obras de Evola que noutras partes, salvo, claro esta, Itália, onde não é necessário fazê-lo.

Um olhar para o futuro. Quais são seus próximos projectos jornalísticos? Está a traduzir outras obras ou a escrever novas monografias? Em caso afirmativo, quais?

Quero salientar que continuamos a editar a publicação *El Fortín* que se iniciou casualmente em 1985, o mesmo ano em que comecei a ler sistematicamente os livros de Evola. Em 1994 começamos o nosso labor editorial de tal obra através das Edições Heracles, três anos mais tarde fundamos o Centro de Estudos Evolianos que se dedicou a dar conferências mensais. A nossa última criação é a Agência de Notícias Kali-yuga, que difunde no vasto mundo de

língua hispânica as heróicas lutas que o fundamentalismo islâmico está a levar a cabo contra a modernidade. Agradar-nos-ia poder falar também nalgum momento das lutas do fundamentalismo católico, o que lamentavelmente ainda não existe.

Qual das suas obras é a sua preferida? Qual dos seus textos gostaria que fosse traduzido para alemão?

As minhas obras estão principalmente vertidas em folhetos e artigos de conferências. Há pouco editamos um compêndio das que consideramos as principais, num livro que tem por título *En la era del Paria* (2007).

Para terminar esta conversa, uma pergunta política. O peronismo está ainda em grande actualidade na Argentina. Quase todos os partidos políticos dizem que seguem na tradição deste movimento político. Qual é a sua opinião sobre este fenómeno político

singular em todo o mundo? Foi o peronismo um desastre para o país ou tinha alguns aspectos positivos?

Do peronismo é mais o negativo que o positivo. Foi um movimento moderno que cultivou o maquiavelismo e o oportunismo. Isso viu-se especialmente nos expoentes que tivemos nos governos dos últimos 25 anos. Além da corrupção incrível que os caracterizou, chegando mesmo a ser reconhecida pelos próprios de forma descarada – o que é uma característica própria dos políticos modernos que são homens comuns e não superiores – quero recordar esta frase de Menem, o político peronista que governou durante mais tempo: “Se eu tivesse dito a verdade sobre o que ia fazer, ninguém teria votado em mim”.

Quer dizer algo especial aos nossos leitores na Alemanha?

Que têm um extraordinário e muito peculiar país. Conheci bem

duas cidades. Uma pequena no sul, Würzburg, onde visitei uma pessoa amiga e que realmente me encantou a todos os níveis, e principalmente Berlim, a respeito da qual fiquei impressionado. O famoso muro, pelo que pude ver, pela sua espessura não era uma simples divisão mas sim uma fortaleza para resistir a um ataque. Achei engraçado constatar que há uma rua chamada Ben Gurion. Descobri ocasionalmente o *bunker* de Hitler, ao qual vários amigos de tal ideologia não conseguiram chegar. Mas quando quis entrar deparei-me com um *show* que nem sequer se vê nos filmes de Hollywood. Quiçá a isto tenha ficado reduzido o vosso país, já que até a Sr.^a Merkel (uma mulher no governo como aqui na Argentina) repreendeu o Papa por não ter condenado suficientemente o “Holocausto judeu”. E um dia antes ele tinha-o comparado com o mistério da Cruz!

Reconhecer isto, significa reconhecer também que o primeiro problema, base de qualquer outro, é de índole interna: reerguer-se, ressurgir interiormente, tomar forma, criar em nós mesmos ordem e aprumo. Quem se ilude acerca da possibilidade de uma luta puramente política e sobre o poder de uma ou outra forma ou sistema que não tenha contrapartida precisa numa nova qualidade humana, nada aprendeu das lições do recente passado. (...) Devemos tomar uma posição firme contra aquele falso “realismo político” que pensa apenas em termos de programas, de problemas de organização partidária, de receitas sociais e económicas. Tudo isso pertence ao contingente, não ao essencial. A medida do que pode ser ainda salvo depende da existência ou inexistência de homens que se apresentem, não a pregar fórmulas, mas como exemplos, não pactuando com a demagogia e com o materialismo das massas, mas despertando formas diversas de sensibilidade e de interesses.

- Julius Evola, *Orientações*

Crítica

A Raça do Homem Fugaz

Julius Evola

É conhecido de todos o tipo de acção corrosiva que os acontecimentos do final da guerra e do pós-guerra têm exercido, nos últimos anos, sobre os ânimos das pessoas, e entre nós, em Itália, isso é ainda mais visível do que noutros locais. Apesar dos seus exageros, um livro como *A Pele*, de Malaparte, é todo um documento disso. O belga Christian Beltroux publicou recentemente um ensaio muitíssimo interessante, destinado a assinalar as verdadeiras e próprias variações psicopatológicas do tipo humano do período actual, variações gerais e uniformes rastreáveis por todo o lado entre os povos europeus e em especial entre os dos Estados Unidos da América, os quais devido ao seu alcance permitem-nos falar já de uma raça nova: a raça do homem fugaz.

As constatações de Beltroux relativas ao domínio mais visível são sumamente óbvias. Para caracterizar de modo geral o novo tipo de pós-guerra, podemos falar sobretudo de uma “anestesia moral”. A preocupação de “não perder a face”, ou seja, o sentido elementar de respeito por si próprio, quase desapareceu. Mas aclaremos de qualquer modo que não é que anteriormente fosse possível discernir em todos a existência de um “carácter”. O que antes sucedia era que mesmo entre aqueles que o não possuíam, subsistia no entanto o sentido daquilo que deveriam ter sido e do que é um tipo humano normal de modo geral. Pois bem, é justamente isto o que falta a um grande número de pessoas: tornaram-se lábeis, oblíquas, informes, fugazes. Carecem de uma medida. A sua sensibilidade moral encontra-se totalmente “anestesiada”. E em

“ Para caracterizar de modo geral o novo tipo de pós-guerra, podemos falar sobretudo de uma “anestesia moral”. A preocupação de “não perder a face”, ou seja, o sentido elementar de respeito por si próprio, quase desapareceu. (...) Pois bem, é justamente isto o que falta a um grande número de pessoas: tornaram-se lábeis, oblíquas, informes, fugazes. Carecem de uma medida. A sua sensibilidade moral encontra-se totalmente “anestesiada”. E em relação a certos princípios, à exigência de coerência, de manutenção de uma determinada linha de comportamento, manifestam muitas vezes uma recusa quase histérica.”

relação a certos princípios, à exigência de coerência, de manutenção de uma determinada linha de comportamento, manifestam muitas vezes uma recusa quase histérica.

Além do mais, a mencionada inconsistência não se refere apenas aos problemas éticos superiores que não se apresentam frequentemente à maior parte das pessoas. Ela é característica inclusivamente das coisas mais simples da vida comum. Trata-se, por exemplo, da incapacidade de manter um compromisso, de cumprir com a palavra dada, com a direcção empreendida, com um determinado propósito. Em relação a tudo o que vincula, que implica algum tipo de compromisso próprio, o tipo em questão sente uma repulsa maiúscula. O mesmo é dizer: ele diz uma coisa, mas faz outra, foge ao compromisso, e considera tal comportamento como algo natural. Chega inclusivamente a espantar-se quando alguém se sente incomodado por tal comportamento e lho atira à cara.

O facto de que tal atitude já se encontre generalizada é algo extremamente preocupante. Nos últimos tempos a mesma capturou estratos sociais nos quais até há pouco tem-

po predominava uma linha sumamente diferente: entre a aristocracia e os artesãos. A fuga ao compromisso, a promessa feita e logo incumprida, a falta de pontualidade, a evasão ainda que a coisas pequenas, tornaram-se em algo demasiado comum. E vale a pena assinalar um ponto muito importante: isto não é feito de maneira consciente e deliberada, mas converteu-se quase num hábito inconsciente. É-se assim porque não se pode já ser de outro modo, muitas vezes é-se assim até contra o próprio interesse, em razão de uma verdadeira claudicação interior. É por tal via que muitos que até ontem acreditávamos vâmente conhecer bem e que eram nossos amigos, se tornaram hoje irreconhecíveis. Poderia dizer-se que se trata aqui de um facto “existencial” que é mais forte que eles próprios e do qual muitas vezes nem sequer se dão conta.

Beltroux tratou de seguir tal fenómeno nas suas repercussões a nível da estrutura psicológica. O “homem da raça fugaz” acusaria uma verdadeira e própria alteração psicológica. São utilizadas aqui as relações já expostas por Weinigir entre eticidade, lógica e memória.

Num tipo normal e recto, as três coisas encontram-se intrinsecamente unidas, já que o carácter expressa aquela mesma coerência interna que se manifesta também no rigor lógico e aquela unidade que permite recordar-se, manter-se numa memoriosa e consciente unidade com o nosso passado. Segundo Weiniger é precisamente esta unidade das faculdades que caracteriza a psicologia masculina face à feminina, a qual é pelo contrário fluida, pouco lógica, descoordenada, feita mais de impulsos do que rigor lógico e ético.

Pois bem, a este respeito o “homem da raça fugaz” surge mais como mulher que homem. Outros aspectos característicos de tipo psicológico que operam como contraparte da “anestesia moral” são a diminuição da memória, a facilidade com se esquece, a dificuldade em concentrar-se, muitas vezes inclusivamente em seguir um raciocínio preciso, a distração, o pensar descontínuo. Tudo isto são visivelmente os efeitos de uma parcial desagregação que do plano dos princípios e do carácter passou a repercutir-se nas próprias capacidades psíquicas.

Por um lado, o fenómeno do colapso que se sucedeu a uma prolongada tensão (imposta a muitos pela guerra), por outro o derrube dos valores e dos ideais nos quais até há pouco se acreditou: estes são para Beltroux dois dos factores que, para além dos factores gerais próprios de todo o pós-guerra, propiciaram a formação do tipo fugaz. De qualquer maneira, o fenómeno é lamentavelmente real, e cada um de nós pode corroborá-lo olhando ao redor. A constatação não é certamente edificante. Os tempos que se preparam não são propriamente aqueles em que os povos entre os quais uma tal característica se difundiu e assumiu rasgos quase constitutivos, podem estar à altura de si próprios. Esperemos que algum enérgico processo restaurador e profilático tenha lugar antes que seja demasiado tarde.



O legionário é o contrário do “homem da raça fugaz”



**A Legião: um Ideal
sempre no coração**

<http://legiaovertical.blogspot.com>